

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2014

DIVERSIDADE SEXUAL: EDUCAÇÃO E RESPEITO

Ivone Rodrigues Macena Barossi¹

Josafá Moreira da Cunha²

Resumo: A diversidade sexual sempre esteve presente na escola: percebida, porém, ignorada. Entendendo a necessidade em se colocar a diversidade sexual como ponto de discussão dentro e fora das escolas, o presente trabalho apresenta a discussão teórica que envolve o tema, e a aplicação prática de pontos dessa discussão. Deve-se considerar, de antemão, que, assim como a diversidade sexual está presente na escola, a homofobia, a discriminação de gênero, o racismo, o machismo, também estão. A discussão teórica vem, portanto, acompanhada da aplicação de um projeto na escola, a qual demonstra que é possível alterar a realidade da homofobia e de outras discriminações, pelo viés da educação, construindo uma sociedade mais consciente, onde o que prevalece, em meio às diferenças, é o respeito.

Palavras-chave: Biologia. Diversidade. Sexualidade. Respeito.

1 Introdução ao tema : a diversidade sexual chegando aos portões da escola

Há alguns anos deparava-se com a urgência em se abordar conteúdos acerca das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e da gravidez na adolescência, na escola. Essa tarefa terminava por ficar sobre a responsabilidade do professor de biologia ou de ciências. Esses temas continuam sendo pautas importantes de trabalho, porém, tem-se agora um tema não menos relevante do que o proposto antes: a diversidade sexual. A diferença agora é que este tema, ainda que se trate da sexualidade humana, extrapola as discussões biológicas e, portanto, torna-se uma responsabilidade de todos aqueles que quiserem tomar esta temática para si.

Existem inúmeras dificuldades em lidar com aquilo que é desconhecido. Quando o assunto é diversidade sexual, predomina um estranhamento. Nesse sentido, este estranhamento parece tomar uma forma muito concreta, pois ocorre a

¹ Graduada em ciências Biológicas pela UFPR, com especialização em Educação ambiental. Professora da Rede Estadual de Ensino. E-mail: irambarossi@yahoo.com.br

² Professor Orientador. Graduado em Psicologia, Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professor Adjunto no Departamento de Teoria e Fundamentos da UFPR. E-mail: a.josafas@gmail.com

discriminação ou a violência de uma pessoa devido à sua orientação sexual ou ao seu gênero.³

Por mais que a escola tenha resistido a essa questão por um longo período - onde as diferenças existentes entre os seres humanos foram ignoradas - chegou um momento onde estas pessoas, fora dos padrões impostos, não estão mais aceitando a invisibilidade⁴. Assim, cada vez mais pessoas têm se envolvido em movimentos como o LGBT⁵ na tentativa de que suas vozes sejam escutadas, vozes estas, vindas de corpos tão brutalmente violentados por uma sociedade que se manteve conivente dia após dia ao preferir não colocar o assunto em pauta.

No que diz respeito à disciplina de biologia, deve-se ter em mente que trabalhar os aspectos da sexualidade humana está muito além de se discutir temas como prevenção de doenças e reprodução. Pode-se então, aumentar o campo de visão sobre as relações entre os indivíduos e as problemáticas que estas relações carregam em seus contextos, pois são estas relações que contribuem para a formação de uma identidade (vale ressaltar, desde já, que a identidade de uma pessoa está muito além de suas características biológicas). Para tanto, é preciso estar atento aos limites colocados por cada contexto escolar.

Tem-se aqui como foco, Expor os resultados e dificuldades encontrados no desenvolvimento e na aplicação do material didático (com o tema “*Diversidade Sexual: educação e respeito*”) tal como a discussão desses resultados visando convocar todos os professores e professoras a andarem ao nosso lado na construção de um novo olhar frente à diversidade e à sexualidade humana. A pesquisa está inserida dentro do Plano Integrado de Formação Continuada do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2014 da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, o qual é um programa voltado aos professores e professoras da Rede Estadual de Ensino, que busca levar o professor ao meio acadêmico desenvolvendo pesquisas que reflitam na realidade da comunidade escolar.

³ A temática da diversidade sexual envolve também a discussão acerca do corpo, Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2008 p. 6) , colocam a biologia como uma das disciplinas que estão “invadindo,, investigando e ressignificando” o corpo.

⁴ Não que algum dia tenham aceitado, mas foram silenciados em nome de um padrão imposto. Chegando a um estado onde, a dor não pode mais ser suportada com a cabeça baixa.

⁵ Movimento de luta por direitos para gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

2 Dos desafios de se inserir a temática na escola

Desconstruir padrões para reconstruir noções que contemplem todas as pessoas, em suas singularidades, é algo trabalhoso, torna-se, portanto, confortável não discutir temas como o da diversidade sexual, por exemplo⁶. Este artigo representa uma parcela de nossa contribuição para a construção de um novo mundo, um mundo de pluralidades onde a igualdade está para além do discurso.

A sala de aula é um dos lugares onde estão reunidas as mais diversas características, entre os alunos. Estas características são esmagadas, dia após dia, por um padrão de ensinar ou pela vista grossa feita frente a alguma situação onde não se saiba como reagir. Vale pontuar aqui, como ressaltam Alvarenga e Igna⁷ (2008, p. 63) acerca dos jovens presentes na escola “[...] as suas identidades não estão prontas, nem nunca estarão.”

Como traz à tona Junqueira (2009 p. 22), vê-se na escola a oportunidade de reproduzir o discurso homofóbico e violento que prevalece em vários outros aspectos da vida, contribuindo para que a situação se agrave cada vez mais. A diversidade sexual é, assim, um elemento que provoca resistência e rejeição por parte dos membros de uma comunidade.⁸

“[...] sabemos que na nossa sociedade a norma estabelecida tem como referencia o sujeito masculino, heterossexual, branco, saudável, burguês e cristão” (FERNANDES, SOARES, RIBEIRO, 2009. p. 185). Assim, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, mulheres, negros, entre outros grupos, encontram-se colocados em uma posição inferior pelos padrões impostos, a posição do “diferente”, em outras palavras, à margem da sociedade. Sua existência não é desejável.

Quando se deixa esta problemática – a da diversidade sexual- fora da sala de aula, contribui-se para a expansão dos preconceitos existentes. Ora, a ausência da discussão sobre o tema, causa o silenciamento e isolamento de gays, lésbicas,

⁶ Confortável apenas para aqueles que se encontram dentro de um padrão aceitável de sexualidade.

⁷ No texto em questão, os autores fazem uma crítica ao modo como a sexualidade é tratada em sala de aula, defendendo que ao falar somente da reprodução, o professor acaba por ignorar uma série de outros fatores, não menos importantes.

⁸ Pode-se, neste ponto, fazer uso das pesquisas realizadas pela UNESCO, que em 2002 fez uma pesquisa com cinco mil professores atuantes tanto na rede pública quanto na rede privada, em todos os Estados brasileiros acerca da homossexualidade, a partir da qual verificou-se que para 59,7% deles seria difícil admitir o fato de uma pessoa ter relações homossexuais e que 21,2% deles tampouco gostariam de ter que conviver com vizinhos homossexuais (UNESCO, 2004, p.144). Outra pesquisa, também realizada pela UNESCO buscou verificar o alcance da homofobia no ambiente escolar, onde foi possível constatar que os professores sentem dificuldades em abordar temas relacionados à homossexualidade.

travestis e transexuais. Vale ressaltar aqui, a importância de iniciar estas discussões na sala de aula, mas expandi-las entre todos os membros da comunidade escolar, uma vez que professores e pais com orientação sexual ou gênero fora dos padrões também sofrem com o preconceito dos demais⁹. Portanto, entende-se que “[...] não é possível educar num ambiente de falta de respeito”. (SEFFNER, 2009 p.132).

Um dos documentos das Diretrizes Curriculares do Paraná, no que concerne à questão da identidade de gênero, aponta que:

[...] Podemos dizer que a identidade de gênero é a maneira como alguém se sente e se apresenta para si ou para os outros na condição de homem ou de mulher, ou de ambos, sem que isso tenha necessariamente uma relação direta com o sexo biológico. É composta e definida por relações sociais e moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. Os sujeitos têm identidades plurais, múltiplas, identidades que se transformam que não são fixas ou permanentes, que podem até ser contraditórias. (SILVEIRA, 2010 p. 6).

Para se trabalhar a diversidade sexual em sala de aula, faz-se necessário a escolha de materiais de apoio que deem conta desta problemática, evitando reforçar os padrões e preconceitos já existentes. Este artigo visa apresentar os resultados provindos da aplicação de um material didático elaborado e inserido no Colégio Estadual Padre Silvestre Kandora. O material fora elaborado visando sensibilizar os estudantes acerca da aceitação da diferença e da importância em se combater os preconceitos no cotidiano.

Pretende-se propor questões que não permitam mais a negação desta discussão. Membros da comunidade escolar, professores e professoras de todas as disciplinas, precisam dar atenção à pauta da diversidade sexual, tendo em vista que esta discussão é necessária e que podem assim, contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e harmoniosa. Pois,

[...] cada vez mais a homofobia é percebida como um grave problema social, e a escola é considerada um espaço decisivo para contribuir na construção de uma consciência crítica e no desenvolvimento de práticas pautadas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos. (JUNQUEIRA, p. 7. 2009)

⁹ Aqui, pode-se sugerir o texto de Regina Ribeiro, Guiomar Soares e Felipe Fernandes(2009), o qual traz uma análise segundo a perspectiva de professores homossexuais e professoras lésbicas, que precisam lidar ao mesmo tempo com a identidade sexual com a identidade profissional.

Assim, entende-se que a sala de aula deve ser um ambiente acolhedor para todos aqueles que nela estiverem¹⁰. Não deixando de pensar naqueles que por alguma discriminação abandonaram o ambiente escolar, talvez este segundo seja um dos pontos que mais devemos levar conosco ao longo desta jornada em busca da sensibilização dos estudantes. Pois, “a invisibilidade a que estão submetidas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais [...] configura-se como uma das mais esmagadoras formas de opressão.” (JUNQUEIRA, 2009 p. 30).

3 Delineando as formas de trabalho

Usou-se nessa pesquisa, ferramentas de cunho teórico e prático. O teórico para a elaboração da unidade didática e o prático para sua aplicação e avaliação. Ambos terminaram por funcionar como complemento um do outro.

Primeiramente realizou-se um levantamento dos dados acerca da diversidade sexual e diversidade de gênero, no que concerne às suas relações com a biologia. Em segundo lugar, ocorreu a elaboração da unidade didática que serviria como base da prática em sala. Em terceiro, sua aplicação com o auxílio de pesquisas, vídeos, filmes e discussões. E, por fim, a avaliação dos resultados que serão expostos posteriormente.

A unidade didática de biologia foi organizada considerando que “o objetivo maior de todas as ações de inclusão é criar um ambiente de respeito e valorização da diferença” (SEFFNER, 2009, p. 135), com o intuito de ser usada como a base de aulas Ensino Médio do Colégio Estadual Padre Silvestre Kandora. Uma instituição de ensino fundamental e médio que atende cerca de 730 alunos, localizada no bairro São Braz, região noroeste de Curitiba- PR. A região conta, em grande medida, com uma população pobre, carente e trabalhadora. Os estudantes trazem consigo, marcas de famílias e lares onde predomina a violência e o preconceito à diversidade sexual, muitos alunos apresentam acentuada defasagem de aprendizagem e desmotivação. Viu-se neste ambiente escolar uma necessidade de inserir este tema nas discussões em sala, uma vez que os estudantes não estão habituados a participarem de discussões produtivas acerca do tema, embora a sexualidade seja

¹⁰ Fernando Seffen (2009), propõe que não se esqueça que essa inclusão dos “diferentes” na escola não deve apenas visar a aceitação destes, mas sim buscar um modo de que tenham o mesmo aprendizado dos demais, já que a escola é, além de tudo, um lugar de aprendizagem. Segundo ele, a inclusão é, em geral, uma tarefa difícil que requer paciência, estudo e debates.

um assunto comum aos jovens. A turma, vista como parceira nesta jornada foi a turma A do segundo ano do ensino médio do período da manhã.

O método pelo qual a unidade didática foi trabalhada em sala compreendeu o estudo e o debate de uma tese, num processo de articulação teórico-prática para estabelecer uma antítese e se chegar a uma nova tese – uma síntese (LAKATOS, 1979); e técnicas de trabalho coletivo, indicadas para situações em que se visa à troca de experiências, o debate saudável, a oportunidade de ver o assunto estudado sob a ótica de outros. Com o intuito de que os estudantes construíssem o conhecimento de forma coletiva, sempre estimulando a problematização da realidade.

4 Da Aplicação do Material Didático: percebendo os resultados

O material elaborado em forma de Unidade didática foi aplicado em uma única turma, onde, não havia uma variação muito grande de idade (16- 19). A turma em questão demonstrou ter um perfil tranquilo, sem muita agitação nas aulas. 55% da turma é composta por homens e os outros 45% por mulheres.¹¹ A maioria desses alunos apresenta um perfil criativo e espontâneo. Nessa perspectiva a escola busca uma educação que reconheça nas crianças e adolescentes sujeitos de ideias e capazes de promover ações transformadoras na sociedade, daí a importância deste estudo na prática escolar.

A intervenção ocorreu durante as aulas de biológicas em forma de uma sequência que possibilitou acompanhar os resultados de maneira mais eficaz. Todas as atividades propostas, aqui relatadas, foram cumpridas neste período.

4.1 MENINOS NÃO CHORAM

Os estudantes foram inseridos no tema através do filme “meninos não choram”¹². A frase é comumente ouvida por garotos desde pequenos. A masculinidade, neste sentido, é associada à força, sendo que, chorar, seria um sinal de fraqueza, atributo próprio das mulheres.

¹¹ Visando não expor os estudantes, nenhum nome verdadeiro será mencionado neste trabalho.

¹² Um drama produzido em 1999, com roteiro baseado na história real de Brandon Teena, um jovem garoto que nasce com um corpo biologicamente feminino, mas identifica-se com o gênero masculino. O filme retrata sua trajetória enquanto homem transexual e os embates que vive diante da sociedade.

Aquilo que se caracteriza como atributo “masculino” ou “feminino” está, em última instância, relacionado ao corpo que pertence a este sujeito. Ora, somente é reconhecido como homem, aquele que possui características denominadas “masculinas”. Estas características devem ser compatíveis com o sexo biológico que esta pessoa possui.

Ao iniciar com esta discussão pretendia-se provocar os estudantes acerca da orientação sexual e do gênero biológico das pessoas, os quais não possuem uma relação direta. Tal como induzi-los a refletir sobre a forma como os corpos são vistos e tratados em relações sociais.

Os primeiros apontamentos feitos pela turma demonstraram certa dificuldade em reconhecer que personagens como o do filme, existem na vida real e estão espalhados pelo mundo sofrendo as mais variadas formas de violência. Porém, no decorrer da discussão, alguns, por conta própria, relataram experiências durante a infância de algo que era designado como próprio de seu gênero biológico e eles não se identificavam. Foi interessante a discussão caminhar no sentido de iniciar o questionamento acerca dos papéis do masculino e feminino, papéis que são socialmente construídos a partir de quando se constata o gênero biológico. “Meninos não choram”, é uma frase que garotos comumente ouvem desde pequenos. A masculinidade, neste sentido, é associada à força, sendo que, chorar, seria um sinal de fraqueza, atributo próprio das mulheres. Os estudantes reconheceram estes pontos, como formas de interferir nas suas identidades e na formação de seus corpos.

Um aluno comentou, ainda que de forma envergonhada:

Ah, eu não sei, tipo, quando duas pessoas se abraçam, homem e homem, todo mundo já fica olhando torto, homem tem essa coisa de que se der um beijo no rosto de qualquer outro homem, mesmo que seja da família, ele é chamado de *bichinha*. Isso é muito chato mesmo. (BRYAN, 18 anos)

Foi proposta, após esta discussão inicial, uma pesquisa sobre alguns tópicos envolvidos na problemática da sexualidade¹³. Com a finalidade de que os estudantes percorressem o caminho necessário para uma compreensão panorâmica do tema abordado no filme. A fim de partilhar as diferentes perspectivas encontradas, as

¹³ Os tópicos propostos foram: O conceito de sexualidade, a forma como ocorre a construção da sexualidade, orientação sexual, heterossexualidade, a necessidade de ser aceito, entre outros contidos na Unidade Didática.

pesquisas foram expostas para a turma. Em grande medida, deu-se destaque não só para a quantidade de conteúdos disponíveis na internet, como também ao fato de que, devido à complexidade da sexualidade humana, muitos deles não tinham conhecimento das informações obtidas. Apareceu neste momento, o reconhecimento por parte dos jovens de que a cultura e o meio influenciam na construção da sexualidade humana e em como esta vai ser trabalhada. Consequentemente, o reconhecimento de que o ser humano não é somente um ser constituído por estruturas químicas e biológicas.

Os estudantes mencionaram a tristeza carregada pela personagem centra do filme em algumas cenas, indicando que a angustia muitas vezes faz parte da vida de pessoas transexuais. Essa angústia, notada pela turma, ocorre porque estas pessoas tornam-se alvo de repulsa. Assim, “[...] é inquietante notar que alguém que não pode existir, ser visto, ouvido, conhecido, reconhecido, considerado, respeitado e tampouco amado pode ser odiado.” (JUNQUEIRA, 2009 p. 30).

Nesta primeira etapa notou-se certo acanhamento em se trabalhar a sexualidade na perspectiva em questão. De início, houve alguma agitação por ser um tema o qual não se tem o habito de discutir na escola, mas não houve recusa na realização da atividade por parte de nenhum estudante. Pode-se constatar também, que na medida em que eles buscaram algumas informações por conta própria, foram sentindo-se mais seguros quanto a falar sobre o tema proposto.

4.2 MENINA NÃO PODE

Dando sequencia ao que foi proposto na Unidade Didática. Trabalhou-se com o filme “Alexandria- Ágora” ¹⁴. Onde se viu a oportunidade de fazer um recorte de gênero na temática da sexualidade, trabalhando o questionamento da situação da mulher ao longo da história e na atualidade, entrelaçando esta face à construção da sexualidade humana. Tendo em vista que:

A determinação biológica para ser homem ou mulher, teve reforço e justificativa ao longo da história do ocidente, onde uma pretensa inferioridade feminina e consequente superioridade masculina serviram de

¹⁴ Trata-se de um roteiro baseado na história da filósofa Hipátia, que viveu em Alexandria, no Egito, entre os anos 355 e 415, época da dominação romana. Durante o relato, a história apresenta uma licença romântica, incluindo uma ligação entre Hipátia e um de seus escravos.

esteio para toda organização social começando pelo espaço privado. (CARVALHO, TORTATO, KAVALESKI, 2011, p. 59).

Por iniciativa própria os alunos apontaram uma serie de coisas que popularmente diz-se que a mulher não pode fazer. Nesta etapa, notou-se um pouco mais de resistência no que diz respeito a discussões sobre o gênero feminino, pois são coisas que se apresentam em diversas realidades. O discurso misógino e machista que corre hoje foi, e ainda é, muito bem construído e reforçado. Por exemplo, como apontado por uma das meninas da turma, a ideia de que o valor de uma mulher está relacionado ao numero de parceiros que ela possuiu: quanto mais parceiros, menor o seu valor. Enquanto que, com os homens ocorre o contrário: quanto mais meninas ele “fica”, maior é sua popularidade e seu reconhecimento perante os outros homens.

Assim, após alguns leves embates entre homens e mulheres na sala, chegou-se à constatação de que talvez mulheres tenham de se adequar a muito mais normas do que homens. Normas estas, que são, em grande medida, determinadas com base nos atributos biológicos considerados propriamente femininos. A questão biológica é estendida ao contexto e utilizada para legitimar a opressão do gênero feminino.

Depois das discussões em sala, chegara o momento de partir novamente para as pesquisas em grupo, visando uma imersão mais eficaz nos temas de debate¹⁵. É pertinente pontuar que, as pesquisas teóricas trouxeram, além de um conhecimento maior, uma serie de questões internas para os estudantes. Essas questões foram surgindo ao longo do debate. Como por exemplo, o questionamento acerca das reais diferenças entre homens e mulheres.

Uma das meninas da classe fez o seguinte comentário:

Minha tia frequenta uma Igreja, onde, mulheres não podem usar esmalte, não podem cortar o cabelo, não podem sair sozinhas, não podem usar certos tipos de roupas. Mas os homens que vão nessa igreja cortam o cabelo, usam até saia se quiserem (risos da turma). (Wanessa, 17 anos)

É interessante notar como os estudantes percebem os preconceitos envolvidos nas suas rotinas, ao passo que, continuam mantendo em suas próprias

¹⁵ Desta vez, os estudantes foram divididos em duplas, onde pesquisaram sobre a influencia da religião na sexualidade humana, relações entre gênero biológico e costumes, o direito da mulher ao longo dos tempos, a condição feminina na atualidade, a educação sexual nas escolas e na família

atitudes algumas características resultantes dessa disseminação do preconceito, por exemplo, o fato de a maioria da turma ter dado risada ao pensarem em “homens de saia”.

Através da construção de um texto pode-se perceber melhor como os alunos relacionam a temática da sexualidade humana com o gênero biológico e com a própria realidade. Todos os textos apresentaram de alguma forma, um questionamento frente aos padrões impostos na sociedade pelo senso comum. Seguem alguns trechos variados que se optou por destacar: “A religião faz as pessoas reprimirem a sua sexualidade.” (Luisa, 18 anos), nota-se aqui, que é reconhecida, por parte dos alunos, alguma influência da religião na forma como os seres humanos lidam com seus corpos.

No que diz respeito à questão da mulher, “Mulheres muitas vezes ficam com o trabalho doméstico e não são valorizadas pela sociedade” (Ingredi, 17 anos). Este trecho foi retirado de um texto de uma dupla composta por dois garotos. São sinais de sensibilização que se pode notar nas entrelinhas de suas argumentações.

Tratando-se do papel da escola frente à discussão da sexualidade, destacou-se que, “A escola, quando fala sobre sexualidade, traz coisas sobre AIDS e gravidez, e esquece essa construção que vimos” (Roberta, 17 anos). Vale pontuar que a intenção do estudante não caminha no sentido de reduzir a importância dos conteúdos apontados, mas sim no sentido de indicar que esta discussão poderia ir muito além.¹⁶

Optou-se por destacar estes trechos, pois, a maioria destes estudantes desconhecia, ou não havia pensado, como a sexualidade humana é entendida, e, ainda assim reconheceram a importância de se discutir a sexualidade, em suas mais variadas formas, e inserir a diversidade sexual como um tópico permanente dentro da escola.

¹⁶ Inclusive, notou-se que o fato dessa abordagem de “construção social” ser trabalhada em uma disciplina de biologia, surpreendeu os estudantes e despertou neles uma curiosidade acerca do tema.

4.3 QUEM SOU EU QUEM É VOCE?

Nesta terceira etapa da aplicação da unidade didática, o filme trabalhado foi “Transamérica”¹⁷ Mais uma vez, os estudantes foram colocados frente ao conflito identidade de gênero - gênero biológico. Sendo estimulados à sensibilização com a situação do “outro”, o outro cuja identidade escapa à sua compreensão. Neste sentido, o filme em questão representou um deslocamento da questão da orientação sexual, para a questão da identidade de gênero.

A condição da personagem central despertou imensa curiosidade nos estudantes. Um dos estudantes relatou que já se deparou com uma pessoa, a qual não era possível definir se era “homem ou mulher”, segundo ele, esta situação teria lhe deixado confuso. Outra estudante respondeu ao comentário perguntando “ qual é a importância de saber se é homem ou mulher?”. É relevante perceber que os próprios estudantes apresentaram uma necessidade de incluir-se na dimensão do assunto e, na medida em que as argumentações apareciam, apareciam também muitos exemplos pessoais, embora nenhum deles, neste contexto, tenha se identificado com a personagem principal.¹⁸

Novamente a pesquisa complementar fora realizada em grupo, para facilitar o diálogo entre os estudantes. A principal face levantada pelos grupos, para além dos conceitos, fora acerca das dificuldades que passam uma pessoa transexual ao longo da vida, principalmente quando não são aceitas pela família. Ressaltando assim, a importância do reconhecimento dessas pessoas por parte daqueles que a cercam.

É possível destacar, novamente, a responsabilidade da escola e do professor nesta discussão, uma vez que constatou-se, pela discussão dos alunos, que estas pessoas comumente não recebem o apoio da família.

¹⁷ O filme conta história de uma mulher transexual chamada Bree que, uma semana antes de fazer a cirurgia genital, descobre ter um filho de 17 anos que precisa de ajuda. Por ordem de sua terapeuta, Bree vai ao encontro de seu filho, um jovem envolvido com drogas e prostituição e com um passado tão complicado quanto o dela. Com medo de lhe contar a verdade e sem ter como ignorá-lo, eles embarcam numa viagem que pode mudar suas vidas e revelar a eles mesmos quem realmente eles são.

¹⁸ Seffner (2009, p. 137) aponta que “[...] temos que ter criatividade para fazer emergir o tema de muitas maneiras e especialmente articulado com os interesses dos alunos e com as situações por eles vivenciadas.”

4.4 MEU EU SECRETO

Esta atividade fora realizada de forma pausada, devido à densidade do assunto. Foram cinco pausas, uma a cada trecho do documentário “Meu Eu Secreto”¹⁹. As pausas foram realizadas com o intuito de que a discussão pudesse ser feita de forma gradativa.

Na primeira pausa, não houve muitos comentários. Havia pela classe, um ar de dúvida. Como se estivessem procurando algum ponto que tivessem compreendido. Ora, até que ponto uma não identificação representa uma “não identificação” com o gênero biológico e até que ponto não é apenas uma “não identificação” com o estereótipo dominante? Solicitou-se que, já que não houve manifestações, que guardassem seus questionamentos para a próxima discussão.

Nas pausas seguintes, os estudantes foram instigados a pensar no significado de ter um órgão sexual feminino ou masculino. Uma das meninas levantou a seguinte contribuição: “Eu achava que significava que a pessoa era mulher ou homem, mas depois do vídeo eu vi que pode significar também um obstáculo pra quem não se identificar com aquilo que tem.” O posicionamento da estudante demonstra que o contato com esse tema a fez mudar a forma de pensar acerca dos corpos das pessoas. Sendo que, como apresentado no decorrer do vídeo, a forma como a pessoa transexual percebe o próprio corpo é determinante na sua vida. Outro aspecto apontado, fora o fato de transexuais/ transgeneros tomarem uma quantidade grande de hormônios na tentativa de adequarem seus corpos à sua identidade de gênero²⁰.

Em grande medida, fora visível o esforço dos estudantes para compreender as questões que englobam a transexualidade e os conflitos diários que pessoas transexuais/transgeneros enfrentam.

Terminado o vídeo, solicitou-se que os alunos organizassem em tópicos aquilo que perceberam ao longo das discussões, para que pudessem comparar as

¹⁹ Os vídeos contam como é a vida de crianças transexuais.

²⁰ Aqui é válido mencionar o argumento defendido por Berenice Bento (2009), de que transexuais, não buscam a readaptação sexual por odiarem seus corpos, mas sim porque sentem necessidade de serem acolhidas pela sociedade. Mas, ao mesmo tempo, seus corpos são encarados como culpados pelo fato de a sociedade não aceitar o gênero ao qual o transexual pertence. Bento ressalta ainda, que nem todas as pessoas transexuais tem o desejo de realizar a cirurgia, inclusive esta discussão não está relacionada ao fato de a pessoa trans sentir prazer com o próprio corpo, e isso não altera a sua identidade de gênero.

histórias em três pontos de percepção: a percepção da criança, a percepção da família, a percepção da sociedade.

Através das comparações surgiu o destaque para a importância dos outros na vida dessas crianças, Ou seja, sua percepção de si mesma não existe de forma separada ao que a família e sociedade reconhecem. Fora pontuado pelos estudantes que ambas as famílias do documentário, mesmo após resistência, apoiaram seus filhos, fator este que seria fundamental para o enfrentamento frente à sociedade e à desconformidade com as próprias características biológicas.

Uma etapa importante na construção desses novos conhecimentos foi quando os estudantes registraram em seus cadernos, tópicos que envolviam sua percepção sobre o posicionamento adquirido. Em grande parte das respostas, obteve-se uma confirmação da sensibilização no que concerne à diversidade sexual. Onde reconhecem que, embora a sexualidade alheia traga muitas dúvidas ou curiosidades, o que deve prevalecer é o respeito.

Ao final destas etapas, os estudantes formaram, de maneira coletiva, um dicionário com os conceitos descobertos em sala. Para tanto, fizeram uso da internet e de um diálogo em equipe lembrando as discussões ao longo das aulas. É pertinente mencionar que os estudantes foram, ao longo da formulação destes conceitos, lembrando a forma concreta pela qual alguns deles apareceram nos filmes e nos debates em sala. Como, por exemplo, o conceito de “heteronormatividade”, definido pela classe da seguinte forma: “Heteronormatividade é quando ser heterossexual, ou seja, sentir atração por pessoas do sexo/gênero oposto se torna norma/ regra e aqueles que não sentem, são excluídos da sociedade/ vivemos em um mundo heteronormativo.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As temáticas aqui tratadas, de gênero e diversidade sexual não podem mais permanecer ausentes da comunidade escolar, na verdade, deveriam estar presentes em todos os âmbitos da sociedade, ainda que o contexto imponha alguns limites, os quais definem até que ponto pode-se discutir com segurança assuntos como estes, Uma vez que podem surgir questões que fujam à compreensão do professor/da professora. Este tema, portanto, precisa ser trabalhado com ferramentas que sanem a invisibilidade dominante até então. Steffner (2009, p 137) alerta que “sem isto não

estaremos preparando adequadamente as crianças e os jovens para um outro mundo possível.”

O fato de o tema da diversidade sexual ser trabalhado de uma perspectiva que ultrapassa as atividades da biologia representou aqui, uma dificuldade, mas não um impedimento. Portanto, pode-se considerar que qualquer disciplina que se deseje, consegue fazer uma ponte com a temática, fazendo uso dos recursos didáticos cabíveis.

Um aspecto que poderia ser considerado um maior impedimento, é a questão do tempo. Ora, tem-se o conhecimento de que o currículo escolar de determinada disciplina foi elaborado para ser aplicado no período de um ano letivo. Poderia ocorrer que inserir qualquer conteúdo extra, atrapalharia o desenvolvimento dos demais conteúdos. Vale, porém pontuar, que não ocorreu isso na intervenção que se apresentou – embora é claro, fosse desejável ampliar e aprofundar as discussões com a turma . Assim, fica evidente que o esforço é dobrado, porém a recompensa também.

Existem muitas normas que permeiam a sociedade – dentre elas a de ser homem, branco, heterossexual – as quais não são discutidas na escola, que por sua vez, estão reproduzindo um padrão de ensino que contribui para a propagação de preconceitos e comportamentos excludentes. Há, portanto, uma rede de discursos que perpetuam opressões como as trabalhadas no projeto de intervenção.

Visando contribuir para a resolução de desafios, como o proposto neste artigo, faz-se necessário o preparo de um material que se adeque ao perfil da escola, pois, somente assim é possível despertar a sensibilidade, o olhar para o outro de maneira mais eficaz. Esta foi a proposta que se manteve em mente no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

Constatou-se, a partir da aplicação da unidade didática acerca da diversidade sexual, que, mesmo em uma aula de biologia, que poderia facilmente separar-se da questão social, é possível, e necessário, desenvolver atividades mais abrangentes, sem negligenciar a disciplina em questão. Como lembra-nos Ferrari:

[...] as sexualidades não são naturais, mas construções sociais, ancoradas na história e na cultura. Entender que as questões de agressão em torno da homossexualidade, por exemplo, são resultados de construção cultural me parece o ponto central. (FERRARI, 2011, p. 86).

Todas as atividades propostas foram desenvolvidas com sucesso. A única etapa que necessitou de um pouco mais de orientação, foi a etapa de formulação dos conceitos finais para o dicionário coletivo, visto que foram muitos os conceitos abordados em sala. Ainda, assim, os estudantes conseguiram concluir a atividade e pretende-se que este dicionário seja disponibilizado para uso dos demais colegas da escola, incluindo uma introdução elaborada pelos alunos, mas isto ainda não foi realizado.

Foi possível, através de atividades simples como assistir e debater um filme, notar que os estudantes, em geral, podem sentir-se sensibilizados com as violências sofridas por aqueles que se encontram fora dos padrões – gays, lésbicas, bissexuais, mulheres, transexuais, travestis, entre outros – ainda que não tenham sentido essas violências em seus corpos. Isto demonstra que, é possível, através da educação, contribuir para a existência de um mundo mais igualitário e inclusivo.

Referências

AMARAL, Ana L. Planejamento do Ensino: Objetivos, Métodos e Técnicas – Parte I: **Seção 3: A Seleção de Métodos e Técnicas de Ensino**, Sem data de publicação; disponível em

<http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_projeto=27&ID_OBJETO=31807&tipo=ob&cp=000000&cb=>; Acesso em 19/11/2014.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Sexual orientation and homosexuality**. Washington, 2008.

BENTO, Berenice. **A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade** . Revista Bagoas n. 04 | 2009 | p. 95-112 . Rio Grande do Norte. Disponível em : <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art05_bento.pdf> Acesso em 17 /07/2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1998.

CARVALHO, Marília. KOVALESKI, Nadia V. TORTATO, Cintia. Gênero: Flashes de Uma Construção. CARVALHO, Marília (Orgs). CASAGRANDE, Lindamir (Orgs). LUZ, Nanci. (Orgs).. **Igualdade na Diversidade: enfrentando o sexismo e a homofobia**. Curitiba: UTFPR. 2011 p . 47-68.

FERNANDES, Felipe Bruno M. SOARES, Guiomar F. RIBEIRO, Paula Regina C. JUNQUEIRA, Rogério D.(Orgs.). **Ambientalização de Professores e Professoras Homossexuais no Espaço Escolar**. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. UNESCO. Brasília. 2009. p. 183-211.

FERRARI Anderson. Reflexões sobre a Homofobia na Escola. CARVALHO, Marília (Orgs). CASAGRANDE, Lindamir (Orgs). LUZ, Nanci. (Orgs).. **Igualdade na Diversidade: enfrentando o sexismo e a homofobia**. Curitiba: UTFPR. 2011. p . 69-88.

IGNA, Maria Cláudia D. ALVARENGA, Luiz Fernando C. MAYER, Dargmar (orgs.), SOARES, Rosângela (orgs.). **Corpo e Sexualidade na Escola: as possibilidades estão esgotadas?** .Corpo, Gênero e Sexualidade. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação. 2008. p. 62- 71.

JUNQUEIRA, Rogério D. **Homofobia nas Escolas: um problema de todos** (Introdução). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. UNESCO. Brasília. 2009. p. 13- 43.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. São Paulo: Atlas, 1979.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Corpo, gênero e sexualidade**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SEFFNER, Fernando. JUNQUEIRA, Rogério D.(Orgs.). **Equívocos e Armadilhas na Articulação Entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar**. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. UNESCO. Brasília. 2009. p. 125- 139.

SILVEIRA, Viviane. Glossário. **Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná**. Versão Preliminar. Curitiba: Secretaria De Estado Da Educação - Superintendência Da Educação Departamento Da Diversidade Núcleo De Gênero E Diversidade Sexual. 2010. Disponível em:
<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf>
Acesso 20/06/2015.

UNESCO. **Perfil dos Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. São Paulo: Moderna, 2004.